CISION

Diário de Aveiro

ID: 80725414

27-05-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 32
Cores: Cor
Área: 26,20 x 30,33 cm²
Corte: 1 de 1

Aberto fundo de 150 mil euros para conservar invertebrados marinhos

D.R.

Até 7 de julho, o Oceanário de Lisboa e a Fundação Oceano Azul estão à procura dos melhores projetos para conservar os invertebrados marinhos, na terceira edição do Fundo para a Conservação dos Oceanos. Estima-se que 97 por cento do número total de espécies de animais existentes são invertebrados. No entanto, apenas 10 por cento dessas espécies são conhecidas. O Fundo para a Conservação dos Oceanos – que já atribuiu à conservação da biodiversidade marinha 250 mil euros desde a primeira edição – tem este ano como tema "Invertebrados marinhos. Proteger o mar, o futuro na Terra". O objetivo é "promover a proteção de espécies de invertebrados marinhos, através de financiamento e de apoio ao conhecimento científico, mas também sensibilizar para a importância do equilíbrio do oceano, partilhando a visão de que a conservação do oceano é uma responsabilidade de todos". O Fundo para a Conservação dos Oceanos, lançado em 2017, é atribuído todos os anos e financia projetos científicos que contribuam para a conservação dos oceanos.

Nuno Banza: há novo presidente no ICNF

D.R.

Segundo o despacho dos ministros do Ambiente e da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural, a nomeação de Nuno Banza acontece "tendo em conta a importância das missões atribuídas ao Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF) e a necessidade de assegurar o normal funcionamento do instituto, dentro do novo paradigma organizacional, até à conclusão dos respetivos procedimentos concursais".

Nuno Banza tem 44 anos e já trabalhou como técnico superior de Engenharia do Ambiente no ICNF. É licenciado em Engenharia do Ambiente e mestre em Ordenamento do Território e Impactes, pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. É doutorando em Alterações Climáticas e Políticas de Desenvolvimento Sustentável pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Atualmente, trabalhava como inspetor-geral na Inspeção-Geral da Agricultura, Mar, Ambiente e Ordenamento do Território. O presidente vai trabalhar sob a alçada da nova lei orgânica do ICNF.

Descoberto novo método de conservação de vacinas sem recurso à refrigeração

D.R.

Investigadores canadenses desenvolveram um novo método que pode preservar até mesmo algumas das vacinas mais sensíveis ao calor, sem necessidade de refrigeração. Amostras de vacinas armazenadas usando o novo método à base de açúcar foram funcionais mesmo após semanas em condições de deserto. No futuro, esse novo tipo de armazenamento de vacinas pode revolucionar a saúde, especialmente em partes remotas do mundo em desenvolvimento, onde pode ser muito desafiador mover vacinas com segurança, poupando inúmeras vidas. Há alguns anos, Sana Jahanshahi-Anbuhi - uma das autoras do novo estudo e, na época, aluna da Universidade McMaster, no Canadá - teve uma ideia brilhante depois de estudar tiras respiratórias de Listerine solúveis. As tiras são, na verdade, folhas finas feitas de um tipo de açúcar chamado pululano. A investigadora sabia que os açúcares podem proteger moléculas biológicas frágeis, como enzimas - mas poderia funcionar para outros componentes biológicos, como proteínas ou até mesmo vírus? Os cientistas, liderados por McMaster Vince Leung, um recente "PhD", e o professor Carlos Filipe, rapidamente começaram a trabalhar. A determinada altura, aperfeiçoaram um método barato que usa o pululano para formar uma barreira que mantém o oxigénio longe das moléculas da vacina. O açúcar também mantém as moléculas no lugar, evitando que elas se desdobrem e quebrem quando expostas a altas temperaturas. Um segundo tipo de açúcar, trealose, protege as partículas da vacina de secarem. Durante os testes, a equipa de investigadores acrescentou vacinas contra herpes e o influenza A - talvez as vacinas mais frágeis e sensíveis ao calor - a uma solução de açúcar que foi seca num filme fino. Durante semanas, os filmes foram armazenados a 40 °C antes de serem recuperados e reativados. Nestas condições, a vacina típica seria inutilizada em horas. As vacinas foram testadas em ratos e chegou-se à conclusão que funcionavam como se "tivessem acabado de sair do congelador". Testes posteriores mostraram que a vacina contra a gripe ainda era viável após três meses de armazenamento a quente, enquanto a de herpes era boa em dois. A equipa também testou vacinas contra pneumonia e o Ebola, que também receberam pontuações de aprovação. Segundo os investigadores, não há razão para que o método deles não funcione para qualquer tipo de vacina. Normalmente, estas vacinas precisam ser armazenadas numa arca congeladora, caso contrário, são inúteis. As vacinas podem ser armazenadas no frigorífico, mas não por mais de alguns dias. Quando tem de levar as vacinas de A a B, há muitas ocasiões em que as elas podem ser interrompidas pela alta temperatura, especialmente em áreas quentes e rurais do globo. Os investigadores imaginam um futuro em que um filme de vacina poderia ser introduzido num frasco de soro fisiológico, agitado por alguns segundos e imediatamente injetado. Biliões de dólares poderiam ser economizados em vacinas destruídas e instalações de armazenamento. Antes que isso aconteça, o método de filme de açúcar precisa ser rigorosamente testado com seres humanos. Pode ser preciso mais do que uma década até que possa se ver a ação ao vivo, mas os resultados até agora são extremamente promissores e esperançosos.

Estes textos foram escritos ao abrigo do novo Acordo Ortográfico

Ficha técnica:
Equipa técnica e redactorial: Filipe Lascasas, Filipe Pedrosa, Luís Reis, Manuel Valença, Helder Berenguer e Inês Torres
Dúvidas, questões, recados, declarações: perguntacoisas@hotmail.com - Ciência da Vida